

UM DEPOIMENTO DE NILO PEREIRA

Os poetas, que têm o privilégio de usar linguagem que nós outros, pífilos prosadores, não temos, estão sentindo as dores deste nosso tempo, profundamente marcado pela desigualdade humana. Pouco importa que, em certos meios, atingidos pela radical mudança do processo histórico, se diga que tais poetas sejam comunistas. Não imaginam esses meios a propaganda que fazem do comunismo, quando afirmam que são comunistas os que tratam das injustiças sociais, da opressão dos ricos sobre os pobres, da exploração dos fracos pelos poderosos. Acaso foram comunistas - os fariseus - os papas Leão XIII, Pio XI, Pio XII, João XXIII e este Paulo VI, gloriiosamente reinante, que aí está na linha do seu antecessor? Acaso foi comunista o grande e imenso Léon Bloy, quando disse no MENDIGO INGRATO, que a riqueza do rico é o sangue do pobre? Então é o comunismo que faz todas essas coisas boas, justas e humanas - os curiosos propagandistas burgueses do Marxismo? Mas se vós mesmos, burgueses, agora vos ponhades em guarda, atendendo as reivindicações dos proletários, dos vossos trabalhadores, acaso sois também comunistas? Ou fazeis isso porque estais praticando a Justiça Social?

Deus meu, eu queria tratar do livro do poeta Nei Leandro de Castro - VOZ GERAL, Edições Rumpo, capa (excelente) de Newton Navarro, editado em Natal, sob os auspícios da Universidade do Rio Grande do Norte. Esse poeta (comunista porventura?) sente o drama do nosso tempo. Não faz uma poesia dirigida, socialista, da esquerda nem muito menos da direita; faz Poesia, simplesmente. Uma poesia que não perde em densidade lírica por que se ocupa do povo. - O "Canto Múltiplo do Povo", que abre o livro, é todo ele um grande poema. Não o inspira, creio bem, nenhum "ismo" político, mas a realidade brasileira, e, dum modo especial, esta nossa tragédia nordestina, que só agora está caindo em si. (Será comunismo dizer isso?) O poeta pergunta, numa fala ao patrão: - "Não vês nas unhas polidas / sangue de minhas feridas?" - E mais adiante, numa apóstrofe atrevida, mas esplêndida de condenação: - "Por que em cofres de aço / ameaças lhas meu cansaço?"

A poesia de Nei Leandro é lirismo, canção anônima, cotidiano, força expressional da vida, o canto do homem comum larga